

REFLEXÕES SOBRE A ESCOLA: RELATOS DE UMA PROFESSORA DE ARTE

Thalita Emanuelle de Souza

Resumo: Esse artigo aqui apresentado dispõe da análise de alguns conceitos do livro *Em defesa da escola: uma questão pública* (2014) de Masschelein e Simons, sendo eles, tempo livre, suspensão, profanação e por fim o amor. Trago, também, para a discussão com os autores, algumas concepções da pedagogia histórico-crítica desenvolvida por Demerval Saviani, presentes nos livros *Escola e Democracia* (1988) e *Pedagogia histórico-critica: primeiras aproximações* (2013). Ao leitor e a leitora devo ressaltar que o texto a seguir tem um tom de ensaio, pois, aproximo toda a leitura e a reflexão realizada com a minha vivência sendo professora de escola pública. Narro nessas linhas que seguem, acontecimentos, anseios e sensações que a escola me traz, juntamente com inspirações e questionamentos diversos sobre os textos já citados. Em suma, um texto feito a partir de conexões das leituras e do cotidiano escolar. O intento aqui não é aprofundar nenhuma discussão, mas, trazê-las à tona relacionando-as com a realidade de quem vive no chão da escola.

Palavras-chave: Escola. Cotidiano escolar. Tempo livre. Suspensão. Profanação. Pedagogia histórico-crítica.

SCHOOL REFLECTIONS: REPORTS OF An ART TEACHER

Abstract: This article presented here: a book analyzing some concepts in defense of the school (2014) by Masschelein and Simons, namely, free time, suspension, desecration and finally love. I also bring to the discussion with the authors, some conceptions of the historical-critical pedagogy developed by Demerval Saviani, presented in the books Escola e Democracia (1988) and Pedagogia Histórico-Crítica: Primeiras Approximations (2013). My importance is devoted to the reader and the reader that the following text has a rehearsal tone, since I approach all the reading and reflection carried out with the experience of being a public school teacher. In these schools that follow, I narrate events, desires and sensations that it brings to me, made with inspirations and diverse questions about the texts already mentioned. In short, a text made from readings and everyday life. The intention here is not to deepen the discussion, but to bring them to light by relating them to the reality of those who live on the school floor.

Keywords: School. School routine. Free time. Suspension. Desecration. Historical-critical pedagogy.

1. INTRODUÇÃO

Nesse breve texto que escrevo agora, o leitor e a leitora irão perceber que farei conexões com minha vivência na escola e uma breve comparação dos textos de Masschelein e Simons (2014) com Demerval Saviani (1988-2013), faço isso pois proponho que esse texto seja uma reflexão, sobre as leituras que realizei e a minha prática na escola.

Organizo o pretenso artigo partindo de alguns conceitos apresentados por Masschelein e Simons (2014) e discutindo com a pedagogia histórico-critica de Demerval Saviani. Escreverei nas linhas que seguem sobre: tempo livre, suspensão, profanação e o amor. Tais conceitos estão no livro *Em defesa da escola: uma questão pública* (2014), trazem uma visão do que é escola e o escolar, então, vou de encontro a eles com o meu cotidiano escolar. Também, trago para a discussão os livros *Escola e Democracia* (1988) e *Pedagogia histórico-critica: primeiras aproximações* (2013).

Iniciei o meu mestrado profissional em Artes na Udesc (Universidade do Estado de Santa catarina) no ano de 2018. Na ocasião, em uma das disciplinas obrigatórias me deparei com o livro *Em defesa da escola: uma questão pública* (2014) de Jan Masschelein e Maarten Simons, autores Belgas que escrevem sobre o escolar e o relacionam com a designação do *skholè* que do grego significa “tempo livre”, e assim compreendem a escola como se fosse uma redoma, e nesse lugar os alunos estariam protegidos do que acontece na sociedade, suas regras, seus objetivos e até seus condicionantes sociais. Por trabalhar em uma escola periférica na época que me deparei com esse livro e essas aulas, prostrei-me a tentar entender os conceitos apresentados pelos autores, mas, ao mesmo tempo questionava-me, pois, trabalhando em tal realidade, percebia que as opressões sociais invadiam, sim, minha sala de aula e avaliava que apenas através de um ensino público de qualidade essa realidade poderia ser entendida e modificada e para tal resolvi escrever essas linhas.

Ao mesmo tempo que lia e entendia, também, questionava os escritos de Jan Masschelein e Maarten Simons (2014), eu era orientada dentro da perspectiva da pedagogia histórico-crítica, participava de um grupo de pesquisa que se baseava no materialismo dialético e compartilhava dos pensamentos do professor Demerval Saviani, filósofo brasileiro que entende a educação como parte da prática social de alunos e professores, entendendo que o sistema de produção capitalista oprime a sociedade, por consequência a educação, e que apenas a partir de um ensino sistematizado, que visa a promoção humana é que pode-se buscar uma transformação social. Fui percebendo, então, nesse caminho acadêmico que eu percorria, que comungava com a teoria pedagógica desenvolvida pelo professor Demerval Saviani ,

que a educação tem o seu papel social e de entendimento da sociedade que a oprime, e que trabalha à serviço de uma elite.

Não intento aqui ter o aprofundamento necessário para tais comparações, por isso devo apaziguar os meus pensamentos e do leitor, a arremeter que aqui serão feitas costuras de pensamentos e questões levantadas durante as muitas leituras feitas até o presente momento. Pois então, com coração e alma acalentados, apresento a seguir um esboço dos pensamentos de Masschelein e Simons, da teoria crítica de Demerval Saviani e de relatos pessoais do meu dia-a-dia.

2. DA LEITURA AO COTIDIANO

Começo a escrever esse artigo com um quê de ensaio e para isso retomo a leitura do livro de Masschelein e Simons *"Em Defesa da escola: uma questão pública"* (2014), livro já tão apropriado por mim mesma em seus conceitos e tão criticado vide minhas dúvidas e questionamentos. Sim, os autores em suas frases bem escritas, quase musicais, me fizeram por muitas vezes questionar a mim mesma, e por consequência questionar a esses que me apresentam essas palavras poéticas, ao se disporem a fazer uma análise do que é a escola. Portanto, leio, sem ordem, como muitas vezes fiz, mas dessa vez com o intuito de relacionar o texto com a minha vivência de professora.

Para tal, corro ao capítulo 2 do livro que tem o título: O que é escolar? E nesse momento, esta pergunta simples me transporta a chegada no meu ambiente escolar. Despertador, escovo os dentes, me visto, tomo café da manhã. Entro em meu carro e começo a pensar nas aulas que tenho naquele dia, enquanto o som toca alto no carro. Chego na escola em meio a muitos "Bom dia profe!", bato o ponto, pego mochila, apagador, livros e me direciono às muitas escadas que me levam à sala de aula. Nesse momento, o ambiente escolar me domina, muitas conversas, alguns abraços, um aluno empurra o outro, alguém grita ao fundo. Só quem vive isso todo dia, em chão da escola sabe ao que me refiro.

3. O TEMPO LIVRE E A MARGINALIZAÇÃO

Masschelein e Simons, já citados anteriormente, concebem a escola, como um lugar de *tempo livre,* um espaço temporal no qual os estudantes possam "ser retirados de sua posição social" (2014, p. 29). Por isso, ade visto que a cada dia, a cada aula, tento dar início a esse tempo, porém, certas vezes questiono os autores por, perceber que apesar da escola prover esse momento para os estudantes, fome, sofrimentos, dores e desigualdades não se contentam em ficar acomodados dentro de uma sala de aula, essas mazelas sociais acabam afetando o andamento escolar e o aluno não consegue aquietar-se e desfrutar do chamado "tempo livre". Retorno, agora, ao ambiente escolar descrito acima, em dias de chuva esse ambiente muda, afinal, meus estudantes em sua maioria não tem transporte individual para chegar à escola, então, nesses dias os corredores agitados são silenciosos. Em dias de frio, alguns tremem e há a distribuição de blusas para ajudá-los a enfrentar as horas em sala. Minha intenção aqui não é demonstrar um vitimismo como muitos podem entender, mas explicitar o porquê me posiciono contrária ao entendimento dos filósofos Belgas, pois sei que na vivência uma pessoa com frio ou com fome não consegue estudar e estar assim protegida pelos muros escolares. Assim como coloca Colares e Lombardi, ao comungarem com os escritos de Karl Marx:

> "Ora, a lei do desenvolvimento da história implica o fato de que o homem precisa primeiro comer, beber, ter um teto e vestir-se, antes de poder fazer política, ciência, arte e religião. Por conseguinte, o ponto de partida para o pensamento, consiste no entendimento da produção e da subsequente reprodução da vida real, o que corresponde às etapas do desenvolvimento de um povo." (LOMBARDI apud. Marx, 2021, p. 52).

E é assim que me dou conta que a luta de classes invade a escola, pois, alunos da elite não sofrem o que sofrem meus estudantes da classe trabalhadora, e cercear os estudantes de condições de vida melhores é também privá-los do acesso ao conhecimento. Expresso, então, que é necessário falar da escola, necessário superar o modelo excludente da sociedade começando pelo entendimento dos seus mecanismos pela classe trabalhadora e, assim, cabe ao professor sistematizar os conteúdos escolares para que os estudantes do ensino público tenham acesso aos mesmos conhecimentos que são oferecidos para os estudantes das escolas particulares e da

elite, pois, ensinar criticamente também revoluciona a escola e quiçá, a sociedade capitalista.

Nesse ponto de argumentação cito Saviani (1988), o qual considera a escola um lugar onde as tensões sociais nunca se apaziguam, e coloca que é papel da escola lutar para que a marginalização do proletariado não se efetive, também, no contexto escolar. Coloca que a escola deve "retomar, vigorosamente, a luta contra a seletividade, a discriminação e o rebaixamento do ensino das camadas populares" (1988, p.42).

Quando os autores Simons e Masschelein (2014) se referem ao tempo livre, eles não têm como a intenção a exclusão, ainda que ao não considerar a construção histórica, social e cultural do estudante possam afirmá-la, e sim o de considerar a escola um local de todos, na qual todos os problemas sociais e políticos possam ser esquecidos no período entre um sinal e outro. A escola então, para os autores, tem a possibilidade de evidenciar que ali, naquele momento, os estudantes são iguais, ou como é colocado no livro, podem estar "dentro do luxo de um tempo igualitário" (2014, p. 29). Já Saviani, concebe que "o processo educativo é passagem de desigualdade à igualdade" (1988, p.87), pois vê e entende a educação como parte efetiva da sociedade e não deslocada dela, como parecem considerar os filósofos Belgas. Para Saviani (1988), a escola é parte integrante da prática social, e pensar nesse salto qualitativo para à igualdade. é também pensar em uma superação da sociedade capitalista.

4. A SUSPENSÃO SUSPENSA ENTRE IDEIAS

Retomo ao livro de Masschelein e Simons (2014) .e o segundo título que me deparo é: "*Uma questão de suspensão".*

Em suspensão a escola promove aos estudantes uma brecha no tempo linear, como colocam os autores: "a escola é o tempo e o espaço onde os alunos podem deixar para lá todo tipo de regras e expectativas sociológicas, econômicas e relacionadas a cultura" (2014, p.35). Entenderei pelas linhas dos autores que a escola como Suspensão é como um suspiro de alívio em meio ao sopro do furacão que é a

sociedade, esta, que exerce pressão e gera expectativas. A escola é, então, um alívio em meio aos conflitos sociais.

O que contra dizente o que coloca o professor Demerval Saviani, que coloca como objetivo da educação: “a plenitude da educação como, no limite, a plenitude humana, está condicionada à superação dos antagonismos sociais” (1988, p.96). Para o autor, a escola não vem apaziguar ou ignorar conflitos, mas sim superar desigualdades a partir do entendimento dos condicionantes sociais.

Pois então, não seria por meio da suspensão da possibilidade de superação da marginalização das classes, pelo menos entre um sinal e outro? A mim cabe afirmar que não. A superação da marginalização vem pela democratização do conhecimento, pela promoção humana e pela obtenção de uma consciência social.

A ideia de suspensão facilita o cotidiano escolar, pois acalma os pensamentos, ao fazer pensar que uma aula dinâmica, brincadeiras no recreio, ou ainda, uma conversa com os colegas pode suspender o estudante dos seus problemas sociais, econômicos, psicológicos, entre outros. Mas esses problemas só seriam suspensos através de políticas públicas que contribuam com a classe trabalhadora, só seriam suspensos através de condição de vida que perpassa saúde, educação, segurança e estabilidade financeira.

5. PROFANAREI

Apresentar o conteúdo, a matéria, abrir o mundo ao aluno, colocar “à mesa”, enfim, profanar. A escola profana, é tida aqui para Masschelein e Simons (2014) como pública e democrática, pois dá acesso a todos os seus sujeitos, aos conteúdos, sem impor expectativas e muito menos consequências, esperando apenas abrir os olhos para o mundo que os cerca.Para tanto, é chamada de improdutiva.

Saviani (1988) também coloca sobre a importância do trabalho do professor como mediador na transmissão do conteúdo, historicamente acumulado pelos homens durante a história da humanidade.

Devo começar destacando a importância de significar o trabalho do professor como um trabalho intelectualizado e que necessita de uma formação teórica e de

conhecimento abrangente e profundo sobre a área em que atua. O trabalho do professor, categorizado por Saviani (1988) como "não-material" pelo fato de não visar a produção de bens de consumo, deve ser entendido como algo muito significativo na construção da sociedade, pois tem como principal intuito a promoção humana dos estudantes a partir do processo criador. Entendo, pois, a didática como uma ação intencional direcionada à transformação social.

Para Marx no capítulo VI do livro d'*O Capital:*

> "No caso da produção não material, ainda que esta se efetue exclusivamente para a troca e produza mercadorias, existem duas possibilidade: a) O resultado são mercadorias que existem isoladamente em relação ao produtor]...]; por exemplo: livros, quadros, todos os produtos artísticos que se diferenciam da atividade artística do artista executante]...]. A produção capitalista só se aplica aqui em forma muito limitada. Essas pessoas, sempre que não se contratem oficiais etc., na qualidade de escultores etc., comumente (salvo se forem autônomos) trabalham para um capital comercial, como, por exemplo, livreiros, uma relação que constitui apenas uma forma de transição para o modo de produção apenas formalmente capitalista. Que nessas formas de transição a exploração do trabalho alcance um grau superlativo, não altera a essência do problema. b) O produto não é separável do ato de produção. Aqui, também, o modo capitalista de produção só tem lugar de maneira limitada, e pela própria natureza da coisa não se dá senão em algumas esferas." (LOMBARDI at al, 2021, p. 58).

Peso a palavra profanação concebida pelos autores Masschelein e Simons (2014) ao pensar em um mundo produtivo, que espera algo, um resultado, o papel do professor ao profanar o conteúdo e trazê-lo para o conhecimento, no ato de se oferecer o que se sabe, nele não há barganha, não há poder, há apenas o momento, a troca, a casa de estudo, o por "à mesa". Devo destacar, também, que Saviani indica a necessidade de transcender o cotidiano, o ir além, aprofundar para a tomada de conhecimento do saber escolar.

Novamente, os autores se posicionam colocando a escola como capacitada de criar um mundo dentro da sociedade na qual se estabelece, dizem que quando: "o aluno e os professores são arrematados pela matéria [...] significa em primeiro lugar, que a sociedade é, de certa forma, mantida do lado de fora [...]" (MASSCHELEIN; SIMONS 2014, p.39). E eu, leitora atenta, me posiciono como questionadora, pois entendo cada sujeito em sala de aula, como, único, as diferenças existem na sociedade, na escola e na vida. Nenhuma matéria, nem professor são capazes de

manter do lado de fora o que reprime os sujeitos socialmente, mas sim podem transmitir o conhecimento para uma transformação sociedade.

Coloco-me agora a pensar em Saviani, então, talvez profanarei, palavras que muito me fizeram refletir. Afirmo ser a educação como sociedade e tendo em vista o meio que estamos inseridos, me vejo lidando com a verdade, a educação pela verdade, juntamente com a consciência social.

A verdade é a realidade refletida e reproduzida e sendo assim para Gramsci “a verdade é sempre revolucionária” (GRAMSCI apud SAVIANI, 1988, p.97), não seria então necessária a profanação da mesma? A subversão, ao mostrar as concepções anacrônicas do mundo? Entender as contradições existentes na sociedade dividida em classes deve levar ao questionamento, à resistência e à luta, então, o lugar educativo é também demonstrar as condições e construções humanas e como nos coloca Saviani: “Educação é o ato de produzir em cada indivíduo singular a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto de homens” (SAVIANI, 2013).

Ao mesmo tempo, entendo que quando os autores Masschelein e Simons (2014) falam sobre profanação da matéria, sendo essa, uma forma de tirar o peso social, transpor o conteúdo apenas como objeto de estudo, não há a intenção de ignorar o mundo em si, mas trazer os saberes sociais para a escola e dar a possibilidade de abrir um novo mundo para os estudantes em “uma situação em que as crianças ou os jovens podem, literalmente, começar algo novo” (MASSCHELEIN; SIMONS, 2014, p. 43).

Posso perceber que essa concepção de escola e sociedade por vezes se distanciam muito no pensamento de Saviani (2013) e de Masschelein e Simons (2014), mas em outras vezes, mesmo que de forma volátil podem se emparelhar, como quando os autores citam: “A escola não está separada da sociedade, mas é única, visto que é o local, por excelência, de suspensão escolástica e profanação pelo qual o mundo é aberto.” (2014, p.45) O que se assemelha em grande parte quando Saviani coloca que: “determina-se a natureza da educação no âmbito da categoria ‘trabalho não material’” (2013, p.6) é, pois, “a forma pela qual o homem apreende o mundo, expressando a visão daí decorrente de distintas maneiras.”(2013, p.7) Seria, então, possível colocar que dentro da concepção dos autores, os saberes que se estudam na escola são

ligados aos conhecimentos utilizados pela sociedade e ao mundo do trabalho, porém, a forma como essas matérias são estudadas, não tem aplicabilidade, nesse caso, são improdutivas.

6. A PALAVRA QUE NÃO DEVE SER CITADA E QUE FINDA A ESCRITA

Do amor, do tempo escolar, do ser professora, dos alunos, dos muitos questionamentos que me seguem durante a carreira, do curso de pós graduação que fiz e por fim do caminho que percorri, escrevendo esse texto. Após, tudo isso, chego a um capitulo de Masschelein e Simons (2014) no livro em defesa da escola, e, portanto, é com esse capítulo que concluirei esse breve texto.

O que move o professor(a) segundo Masschelein e Simons (2014) é o amor pela matéria e pela nova geração, é, pois, o que impulsiona o estudo e o tão almejado "tempo livre", "O ponto de partida é o amor pelo assunto, pela matéria, e pelos alunos; um amor que se expressa na abertura e compartilhamento do mundo" (2014, p. 85).

O amor, às vezes me parece uma palavra muito lúdica em meio ao turbilhão em que vivo, em tempos me parece uma palavra amedrontadora dentre tantos rostos que conheço ao longo dos dias em sala de aula. Entendo, pois, que educar como ato revolucionário, superar os antagonismos, entender as contradições como coloca Saviani, é, na realidade o trabalho do professor.

Pensar em amor como uma palavra concreta é estranho, sendo que remete a um sentimento, algo até fraternal, não ao trabalho e a superação dos obstáculos estabelecidos pelo sistema que rege nossa sociedade. Entendo o perigo desse conceito ser compreendido como: "dar aula por amor" e não como um trabalho, um ofício, trabalho esse que deve ser bem remunerado, com condições materiais e concretas. O amor mora no apego, a imensidão que reside em se dar aula, está na revolução e na pedagogia como transformadora, no conhecimento adquirido, no regozijo pela nova geração.

O sinal toca, aí está a minha brecha, o meu ato, saio da sala dos professores carregada com bolsas, livros, giz na mão, sorriso no rosto, olhar de cansaço, e é nesse momento que sou arrebatada: o barulho, a correria, as risadas, os muito cumprimentos,

o cheiro da canja que em breve comeremos, o inesperado, e, quando entro na sala de aula, começo a falar, explico, transmito conhecimento como estabelece Saviani.

Termino, então, com a citação desse livro (2014) tão visceral para a leitura dessa professora que aqui escreve e com a esperança de transcender o conceito de professora como *amateur* digo que o fim, então, pode se dar no amor, mas quando ele é entendido como transformação.

> "Os métodos não são o que está faltando aqui; de fato, os métodos são tudo o que temos. Você passa seu tempo se escondendo por trás de métodos, quando, no fundo, você sabe perfeitamente bem que nenhum método é suficiente. Não o que está faltando é outra coisa."
>
> "O quê?"
>
> "Não posso dizer isso."
>
> "Por quê?"
>
> "É uma palavra rude."
>
> "Pior que *empatia*?"
>
> "Sem comparação. Uma palavra que você absolutamente não pode dizer em uma escola primária, um *lycée*, uma universidade ou em qualquer lugar como esse."
>
> "Diga-nos?"
>
> "Não, realmente, não posso..."
>
> "Oh, vá em frente!"
>
> "Eu estou dizendo a você, eu não posso. Se você usar esta palavra quando estiver falando sobre educação. Você vai ser linchado".
>
> "..."
>
> "..."
>
> "..."
>
> "É *amor.*" (PENNAC, apud, MASSCHELEIN e SIMONS, 2014, p. 75-76)

Acerca da pedagogia revolucionária, Saviani coloca:

> A pedagogia revolucionária situa-se, pois, além das pedagogias da essência e da existência. Supera-as, incorporando suas críticas recíprocas numa proposta radicalmente nova. O cerne dessa novidade radical consiste na superação da crença seja na autonomia, seja na dependência absoluta da educação em face das condições sociais vigentes. (1988, p. 75-76).

7. CONCLUSÃO

Portanto, concluo esse texto com a certeza de que, apesar de haver linhas de pesquisas contrárias, no que diz respeito à educação, como aqui foi apresentado nas discussões com Masschelein e Simons (2014), e a linha histórico-crítica desenvolvida por Demerval Saviani (1988-2013), a educação culmina no chão da escola, e apesar de haver muita discordância na elaboração dos pensamentos, entendo que o ofício e o trabalho de professora se estabelece nessa culminância: a educação pela transformação. Sou eu, professora de escola pública da educação básica e os meus pares, que escrevemos essa história no cotidiano escolar e buscamos a transformação da realidade nesse enfrentamento diário.

Tenho flashes agora, capto momentos, busco em meio aos lapsos que esse texto propôs, uma conclusão entre todos os questionamentos aqui expostos. Concluo, então, com o professor *amateur,* o qual é "revelado por meio da extensão em que uma pessoa está presente no que faz e na forma que demonstra quem ela é e o que representa através de suas palavras e ações." (MASSCHELEIN e SIMONS, 2014, p. 78) Pois, é assim, simples, no espaço escolar que o professor transforma a construção ali disposta em casa de estudo, e, também, é assim, que opera dentro da prática social.

Referências:

LOMBARDI, J C; COLARES, M L I S; ORSO, P J. (Orgs.). *Pedagogia Histórico-crítica e prática pedagógica transformadora***.** Uberlândia: Navegando Publicações, 2021.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. *Em defesa da escola*: uma questão pública. Belo Horizonte; 2 ed. Autêntica Editora, 2014.

SAVIANI, Demerval. *Escola e democracia*: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política. 20. Ed. São Paulo: Autores associados, 1988.

_____. *Pedagogia histórico-crítica:* primeiras aproximações. 11. Ed. Campinas, SP: Autores associados, 2013.